

## Porque o Leite é Um Bom Negócio

Paulo do Carmo Martins <sup>1</sup>

Amigo Leitor,

“A tendência de crescimento do setor leiteiro se mantém firme, apesar de problemas conjunturais e da nefasta penalização imposta aos produtores. A produção cresceu em diferentes cenários: em períodos de controle e de liberação de preços, de inflação alta e de controlada, em períodos de crescimento econômico e de recessão.”

pág. 1

### PREÇOS

**Preços do Leite C  
disparam em São  
Paulo.**

pág. 2

### Relações de troca

**Produtores de leite  
perdem poder de  
compra nos últimos  
12 meses.**

pág. 3

### FIQUE ATENTO

**Produtores de leite do  
interior paulista estão  
se reunindo com obje-  
tivo de ampliar volume  
e obter melhor preço  
junto às indústrias.**

pág. 4

Os governos estaduais arrecadaram, em 1996, R\$ 2,1 bilhões de ICMS sobre o leite. Mas, a cadeia produtiva do leite como um todo paga muito mais que esse valor, pois não foi considerado o ICMS arrecadado com a venda de insumos aos produtores e com a venda no varejo. Mesmo assim, o volume de recursos é expressivo e desproporcional. O faturamento dos laticínios naquele ano correspondeu a 1,3% de toda a economia. Mas a sua contribuição com ICMS foi de 4,1% do total arrecadado no Brasil com este imposto. É, portanto, três vezes maior, em termos relativos, se comparado ao faturamento dos laticínios.

Além disso, o setor contribui com a geração de empregos. Numa simulação que fiz com o Prof. Dr. Joaquim Guilhoto, da Esalq/USP, encontramos um interessante resultado: a cada R\$ 5.081,00 vendidos de leite e derivados, é gerado um emprego permanente na economia brasileira. É, portanto, relativamente barato gerar empregos via cadeia produtiva do leite, se comparado com setores que usam capital mais intensivamente, como a fabricação de automóveis. Se analisamos pela ótica da renda, a importância se mantém. Em 2001, o IBGE contabilizou 3.338 laticínios no Brasil, que pagaram R\$ 768 milhões em salários e remunerações. Isso é mais do que pagou o setor têxtil, duas vezes mais que os salários pagos na produção de aparelhos de rádios, televisores e som, quatro

vezes mais que os salários pagos na torrefação e moagem de café.

Para a rede varejista é também um bom negócio. Os derivados lácteos são garantia de receita, têm um giro rápido no estoque e ainda atuam como atrativos para vendas de outros produtos de maior valor agregado.

Para os setores de máquinas e implementos, de insumos e de serviços, é também um ótimo negócio. Senão, como explicar o crescente investimento feito por empresas de maquinaria, embalagem, venda de sêmen, concentrados e produtos veterinários? Como explicar o crescente interesse de empresas transnacionais no nosso mercado?

Essa lógica também vale para as empresas de laticínios. O IBGE divulgou recentemente os 100 produtos brasileiros com maiores vendas. Em 2001, o Leite UHT foi o 36º, à frente, em vendas, do óleo de soja, caminhões, jornais, azulejos, pneus, geladeiras, tratores etc. A venda de cigarros ficou abaixo da metade do leite UHT. O leite em pó esteve em 90ª posição.

Para o consumidor, que tem de maximizar sua satisfação, dada a sua renda, leite é, sem dúvida, um bom negócio. É uma forma barata de obter proteína animal, os produtos são diversificados e facilmente encontrados. O que o consumidor brasileiro paga por um litro de leite longa vida equivale ao preço mínimo, de garantia, disponível para o produtor americano!

E para o setor produtivo? O leite é bom negócio? Sem dúvida que sim! Os dados mostram isso. Se não é bom

<sup>1</sup>Dr. em Economia Aplicada, Pesquisador da Embrapa Gado de Leite.

negócio, como explicar o crescimento da produção nacional em três décadas, que saiu do patamar de 7 bilhões e foi para 21 bilhões de litros anuais, entre 1970 e 2001? A tendência de crescimento se mantém firme, apesar de problemas conjunturais sempre ocorrerem e da nefasta penalização imposta aos produtores. A produção cresceu em diferentes cenários: em períodos de controle e de liberação de preços, de inflação alta e de inflação controlada, em períodos de crescimento econômico e de recessão.

No meio urbano, quando deparamos com uma

nova loja, esquecemos que ali existia uma outra, que se fechou. No caso do leite, ocorre o contrário. As atenções se voltam para as propriedades que abandonaram a atividade. A notícia é a venda do plantel.

É inegável que a atividade vem excluindo produtores, principalmente em regiões dos estados de São Paulo e Minas Gerais, com fortes repercussões sociais. Que fatores contribuem para que uma propriedade leiteira seja lucrativa? Bem, essa é uma discussão necessária e urgente, porém para outra ocasião...



## PREÇOS DO LEITE AO PRODUTOR

JUNHO DE 2003

Praças	Tipo C	Tipo B	Colocação
<b>Estado de São Paulo</b>	0,4857		
Campinas	0,4974	0,5367	100,00
S.J. do Rio Preto	0,4800	-	-
S.J. dos Campos	0,4759	0,5375	100,00
Sorocaba	0,5150	-	-
Ribeirão Preto/Franca	0,4850	0,5500	90,00
<b>Outros Estados *</b>			
Paraná	0,4579	-	-
Goiás	0,5015	-	-
Minas Gerais	0,5061	0,5079	93,33
Bahia	0,3867	-	-
Rio Grande do Sul	0,4594	-	-
<b>MÉDIA Brasil**</b>	<b>0,4859</b>	<b>0,5225</b>	-

\* Médias ponderadas dos preços médios pagos pelos laticínios  
 \*\* Ponderado pela pesquisa Trimestral do Leite - IBGE.

Com os arrendamentos de terra para as usinas de cana e falta de manutenção das pastagens, muitos produtores de leite em SP estão deixando a atividade leiteira em segundo plano, diminuindo a oferta do produto. Em São Paulo, no mês de junho, o preço do litro de leite pago ao produtor foi cotado a R\$ 0,4857/litro (referente ao leite entregue em maio), alta de 10,17% em relação ao mês anterior.

Somente em maio, a queda na captação - entregue aos laticínios/cooperativas em SP foi de 6,47% em relação a abril/03. Em MG, a captação diminuiu 4%, no RS, 5% e em GO teve um ligeiro aumento de 0,3%, para o mesmo período. Dado esse nível de oferta, a variação de preços ao produtor goiano também foi menor, de apenas 0,08%, com o leite tipo C sendo cotado a R\$ 0,5015/l. No Rio Grande do Sul, o tipo C registrou alta de 2,4% e em Minas Gerais, maior estado produtor, os reajustes foram da ordem de 2,6%. Para o leite tipo B, o produtor mineiro teve um aumento de 2,4%, com o litro fechando junho a R\$ 0,5079/litro.

Na média das bacias pesquisadas no País, o volume captado

em maio teve diminuição de 3,6% e os preços, alta também de 3,6% para o tipo C e de 3,8% para o tipo B, levando em conta as novas ponderações da pesquisa trimestral do leite do IBGE. Note que até maio, a média Brasil (conjunto das regiões pesquisadas) era determinada por média aritmética das diversas cotações e, partir de junho, passam a ter pesos ponderados por volume de produção divulgado pelo IBGE. Assim, neste mês de junho, MG participa com 34,54% do preço da média Brasil, SP entra com 22,57%, GO, com 15,43%, RS com 14,86%, PR representa 9,95% e BA, 2,65%.

Com base nesses critérios, o preço pago ao produtor de leite tipo C, em junho, foi R\$ 0,4859/litro na média das bacias brasileiras pesquisadas pelo Cepea. Já o tipo B subiu 3,8%, sendo cotado na média de R\$ 0,5225/litro.

Em termos reais (descontando o efeito da inflação pelo IGP-DI), os preços do leite tipo C estão 4,2% superiores aos praticados em junho do ano passado. Nominalmente (sem descontar a inflação), a alta é de 32,3%.

Isso significa que o produtor está em melhores condições nos últimos 12 meses? Um bom indicativo para isso são as relações de troca, isto é, com quantos litros de leite o produtor no ano passado trocava por adubo, ração, óleo diesel, sal mineral, etc.

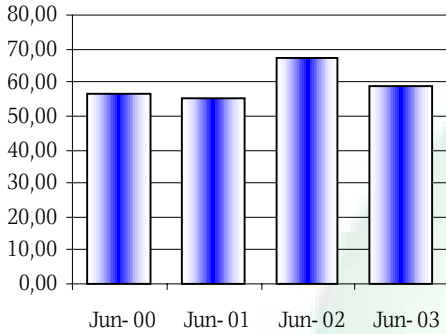
Em junho do ano passado, o produtor necessitava de 67 litros de leite para comprar um saco de sal mineral de 30 kg; já neste ano, são necessários 58 litros para a mesma aquisição. Isso significa um ganho no poder de compra para o produtor em torno de 13%. Contudo, a relação com sal mineral é uma exceção; para a maioria dos insumos houve, na verdade, uma perda no poder de compra do produtor. No caso do arame ovalado de 1.000 m, por exemplo, a diminuição do poder de compra é de 24%; em relação à uréia, queda de 23%, e para a compra de um Trator 61 HP, o produto precisa de 20% a mais de leite.

Em suma, apesar dos 19 aumentos sucessivos no preço do leite ao produtor, com uma variação real de 4,24%, o produtor, em alguns casos, ainda está perdendo poder de compra, dadas as elevações em escala maior dos principais insumos da atividade.

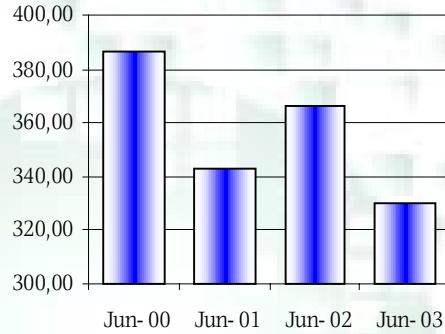


Com quantos litros de leite se compra insumo ?

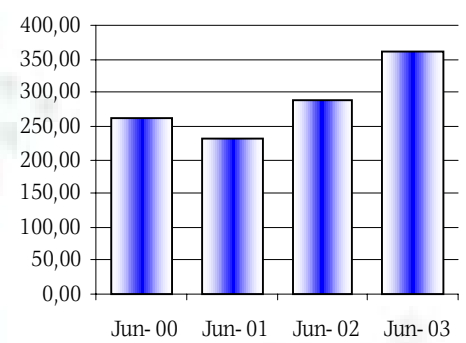
Sal Mineral (litros/saco)



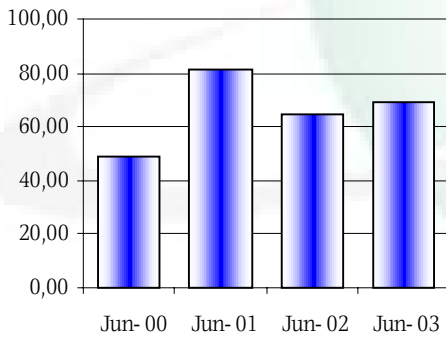
Ivermectina (litros/litro)



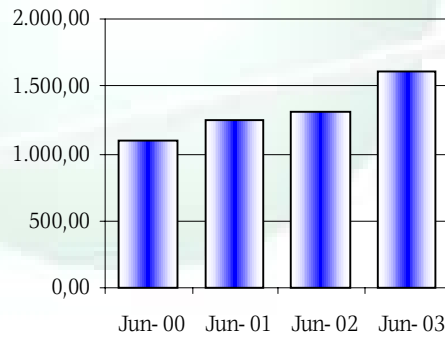
Arame Ovalado (Litros/1.000m)



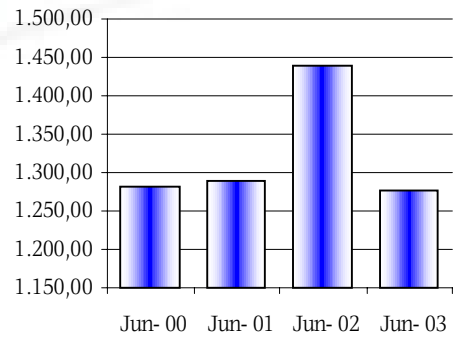
Calcário Dolomítico (Litros/Ton)



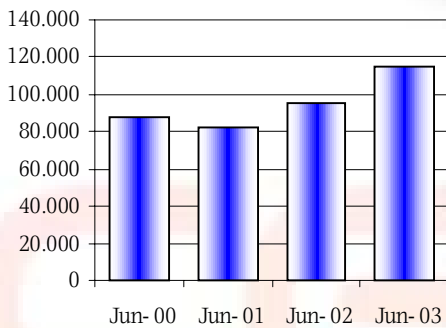
Uréia (Litros/Ton)



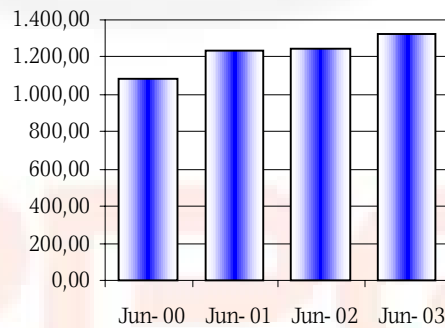
Fertilizante - KCL (Litros/Ton)



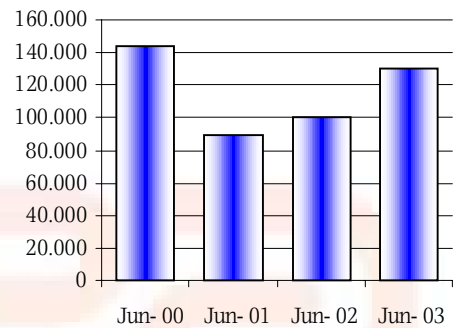
Trator MF 61HP (Litros/Trator)



Fertilizante 20-05-20 (Litros/Ton)



Trator MF 6630 BZ (Litros/Trator)



**Belgo Z-700 - A muralha**  
 Produtos para Cercas de Arame Liso  
 • Belgo Z-700 • Belgo ZZ-800 • Belval Z-600 • Açotix

Arames de Qualidade  
**BELGO**  
 0800-313100  
 www.belgo.com.br

**Nestlé**  
 Good Food, Good Life.

✓ Depois de ter tentado, sem êxito, exigir nas gestões de Paulo Maluf e Celso Pitta que a Prefeitura de São Paulo usasse somente produto brasileiro em seu programa Leve Leite, o setor finalmente conseguiu uma vitória. A prefeita Marta Suplicy cumpriu promessa feita em audiência com os presidentes da Leite Brasil e da Láctea Brasil. Na atual concorrência para compra de leite em pó integral para a merenda escolar e outros programas sociais paulistanos, a Secretaria Municipal de Abastecimento obriga que a matéria-prima seja de origem exclusivamente nacional, cumprindo lei federal promulgada pelo Ministério da Agricultura em 1999. A empresa vencedora da concorrência deverá fornecer mensalmente à Prefeitura de São Paulo 2,2 milhões de quilos de leite em pó, equivalentes a 700 mil litros diários de leite fluído. **(Fonte: Leite Brasil)**

✓ Durante reunião do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC), o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, propôs a criação de um programa de apoio específico às cooperativas de café e leite nos moldes do Recoop (revitalização das cooperativas). Porém, segundo o ministro, seria uma ação estruturante, e não de socorro financeiro, com o objetivo de viabilizar a produção em escala, e só irá entrar nesse programa quem aceitar a fusão. Na reunião foi criado um grupo de trabalho para definir políticas de médio e longo prazo para o setor, estabelecendo ações de reestruturação da cadeia produtiva. Entre os pontos a serem detalhados, está um raio-x do endividamento, a elaboração de um quadro de suprimento (oferta e demanda), além de um trabalho de análise de fluxo de recursos. **(Fonte: Milk Point)**

✓ No dia 12 de dezembro deste ano entrará em vigor a nova lei de bioterrorismo dos Estados Unidos e o Brasil, se quiser manter as vendas de alimentos para aquele país, terá de correr para se enquadrar nas novas exigências do mercado americano para alimentos. O temor americano é importar alimentos contaminados. Na abertura do seminário "Biossegurança e Comércio Internacional de Produtos Agríco-

las", o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, disse que a grande discussão com relação à lei norte-americana é o aumento de custos. **(Fonte: TerraViva)**

✓ Produtores de leite do interior paulista estão se reunindo em grupos com o objetivo de ampliar volume e, com isso, obterem melhores preços junto às indústrias. A troca de experiências tecnológicas entre eles também se acelera, enquanto a busca pela qualidade do leite passou a ser uma ação coletiva. Beneficiados pela granelização em conjunto, os produtores passam a manter a qualidade por mais tempo e também compartilham da bonificação oferecida pela indústria interessada em volumes cada vez maiores. Porém, os acordos entre produtores, e entre produtores e indústria, ainda são verbais. Pesquisadores do setor acreditam que deve haver contratos anuais para "disciplinar deveres e obrigações, de modo a permitir ajustes e flexibilidade para que o negócio firmado seja bom para o vendedor e para o comprador, de forma continuada". **(Fonte: Balde Branco)**

✓ O governo dos Estados Unidos liberou a entrada de 15 produtos argentinos sem o pagamento de tarifas. Entre os produtos favorecidos pela medida estão o doce de leite, cortes de carne bovina congelados, queijos duros, milho com e sem casca e resinas ácidas. O secretário de Relações Econômicas Internacionais da Argentina, Martín Redrado, disse que, pagando tarifas diferentes, esses 15 produtos representam vendas de US\$ 120 milhões e, como estimou, poderiam subir para US\$ 200 milhões nos próximos 12 meses. **(Fonte: Milk Point)**

✓ A ONU aprovou pela primeira vez uma declaração ministerial pedindo que as distorções no mercado agrícola internacional sejam reduzidas para que os países em desenvolvimento, como o Brasil, possam também se beneficiar da globalização. Assim, cresce a pressão mundial para que os países ricos eliminem seus subsídios agrícolas. **(Fonte: Terra Viva)**

## Boletim do Leite

Universidade de São Paulo - ESALQ/USP - CEPEA

Apoio: FEALQ

leitecepea@esalq.usp.br

http://cepea.esalq.usp.br

O Boletim do Leite é uma publicação do DEAS/CEPEA

Endereço: Caixa Postal 132, Piracicaba, SP, CEP 13400-970

Telefone: (019) 3429-8800 ou 3429-8801 / Fax: (019) 3429-8829

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização.

Conselho Editorial: Eng. Agr. Leandro Augusto Ponchio - responsável;

Ademir de Lucas - técnico em extensão Rural, depto. Economia, Administração, e Sociologia / Esalq-USP;

Paulo do Carmo Martins - Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

Equipe Técnica: Raquel Mortari Gimenes, Roberta Normanha Bardavil Conte, Rodrigo Odilon Bassani Mesquita

Jornalista Responsável: Ana Paula Silva - Mtb 27368

Coordenador Científico: Prof. Dr. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Tiragem mensal: 8.000 exemplares

IMPRESSO

ESPECIAL

1.74.18.0518-7 DR/SPI

FEALQ

CORREIOS

IMPRESSO